

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Corte de custos e de talentos	2
Título: Petrobras deve ter este ano novos PVD	6
Título: Nem Pensar.....	8
Título: Profissão esperança	8

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Bruno Rosa, Danielle Nogueira e Ramona Ordonez****Título: Corte de custos e de talentos**

Programa de demissão voluntária da Petrobras atrai 2.100 jovens profissionais.

O sonho de fazer carreira na Petrobras, uma das maiores empresas do país, não está mais no horizonte de muitos jovens brasileiros. Afetada pelo alto endividamento, agravado pela queda do preço do petróleo em 2016, e abalada por escândalos de corrupção, a companhia recorreu a um amplo plano de reestruturação que prevê redução de funcionários e fim de benefícios. O corte na carne, porém, traz consequências que vão além da almejada redução de custos, como a evasão de jovens talentos. No último Programa de Incentivo ao Desligamento Voluntário (PIDV), 18% dos 11.878 funcionários que aderiram tinham até 39 anos. Na ponta do lápis, são mais de 2.100 jovens interessados. Entre os 4.744 que já deixaram a companhia, 12% tinham até 39 anos.

— É um número significativo e surpreendente. Em geral, programas de demissão voluntária atraem pessoas que estão próximas da idade de se aposentar. Esses números mostram que, mesmo em tempos de crise, as molas que impulsionam os jovens na busca por experimentar o novo se mantêm — afirma Paulo Sardinha, presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos do Rio de Janeiro (ABRH-RJ).

As razões que levam esses jovens a abrir mão de um emprego estável e bem remunerado — num momento em que a recessão já empurrou 12 milhões de brasileiros para o desemprego — vão desde a insatisfação com a redução de benefícios até a falta de perspectiva profissional. A maioria disputou uma vaga quando a Petrobras mantinha um desafiador plano de negócios, com investimentos em ascensão e boas perspectivas no setor de petróleo a partir da descoberta do pré-sal, em 2006. Hoje, a realidade é outra.

Na renegociação salarial de 2016, a companhia propôs jornada menor de trabalho e redução no valor de horas extras. Entram na lista das razões para aderir ao PIDV a busca de maior qualidade de vida e a chance de tirar do papel um projeto empreendedor com a rescisão. Diferentemente do PIDV de 2014, quando o plano era restrito a pessoas com 55 anos de idade ou mais e aposentados pelo INSS, o de 2016 foi aberto a todos na holding Petrobras, sem distinção de idade ou tempo de casa. Pelas regras do PIDV, o piso da indenização é de R\$ 211 mil, o que contribuiu para atrair os mais novos. O teto está na casa dos R\$ 700 mil.

VEIA EMPREENDEDORA E MAIS TEMPO PARA OS FILHOS

Com os R\$ 200 mil que recebeu ao deixar a Petrobras, em outubro, o geofísico André Acquaviva, de 35 anos, quer abrir a segunda unidade de seu bar, A Melhor Costelinha do Mundo, inaugurado há um ano, no Centro do Rio. Nascido em Varginha (MG), quer se dedicar aos negócios que abriu enquanto trabalhava na estatal — tem quatro unidades de uma rede de lanchonetes — e ter mais tempo para o filho, de 5 anos, que mora em sua cidade natal.

— Fiquei 11 anos na Petrobras, dos quais seis trabalhei embarcado. Ganhava R\$ 180 mil por ano, incluindo salário e benefícios. Aproveitei para montar alguns negócios e senti que era uma oportunidade para expandir essa veia empreendedora. Poder ficar mais tempo com meu filho pesou muito na decisão — diz Acquaviva.

André Nolasco, diretor da empresa de recrutamento e seleção Michael Page, lembra que a decisão de ficar ou sair de qualquer empresa costuma estar assentada no tripé remuneração, perspectiva profissional e ambiente de trabalho. Na Petrobras, diz, os três pilares estão abalados: — O pagamento de adicional por função (para os que ocupam cargo de chefia, por exemplo) foi cortado. No futuro próximo, não há grandes perspectivas de novos projetos, pois a ordem é desinvestir. E o ambiente está muito carregado, devido ao escândalo de corrupção. Há descrédito da instituição e muitos já pensam se o currículo ficará manchado pela passagem na Petrobras.

Essa situação contamina especialmente os mais jovens. Gente que está na faixa dos 30 anos e que pertence a uma geração para a qual a estabilidade não é um bem tão valorizado, mesmo em tempos de crise. São pessoas que querem resultado rápido e têm ambições que a companhia não está sendo capaz de atender, como uma jornada de trabalho mais flexível ou a promessa de crescimento na hierarquia corporativa.

— Os jovens de hoje têm vínculos mais frágeis com as organizações. A empresa é uma ponte para que eles possam chegar a algum lugar — diz Sardinha, da ABRH-RJ.

Nolasco ressalta que o cenário para as concorrentes da Petrobras começa a melhorar no Brasil. Com a mudança na lei do pré-sal, que desobrigou a estatal de ser operadora dos campos, e a perspectiva da retomada dos leilões de petróleo em 2017, algumas companhias começam a se movimentar e buscar informações junto a empresas de recrutamento sobre estrutura salarial. — Os profissionais da Petrobras são potenciais candidatos — afirma Nolasco.

À crise da Petrobras se soma a crise do Rio e do Brasil. Com o estado quebrado e o aumento da violência urbana, muitos pretendem aproveitar o PIDV para mudar de cidade e buscar uma vida mais tranquila. Deborah Vieira, de 32 anos, é advogada da Petrobras e está na empresa há seis anos e meio. Deixa a empresa neste mês. Resolveu aderir ao PIDV porque quer mais qualidade de vida. Nascida em Belo Horizonte e grávida do segundo filho, está assustada com a violência urbana no Rio.

— Fiz concurso porque achava que a empresa conciliava o trabalho desafiador da iniciativa privada e a estabilidade do serviço público — diz Deborah, que ingressou na estatal influenciada pelo pai, que fez carreira na empresa. — Quero ter mais tempo para meus filhos e para mim. Vou mudar de cidade e de carreira. Pretendo me dedicar à tradução jurídica, que tem horário de trabalho mais flexível.

Na Petrobras, ela trabalha de 10h às 19h e tem salário acima de R\$ 15 mil, além de auxílio-creche e plano de saúde. Vai levar cerca de R\$ 200 mil de indenização. Outro funcionário, de 34 anos, que aderiu ao programa, mas não quis se identificar, pois trabalhará até março na área de serviços, pretende viajar para o Canadá: — Vou para Vancouver. Vou conseguir estudar e me manter por dois anos. No Brasil, a economia está sem perspectivas, e a Petrobras só corta projetos. Meu medo é a companhia forçar a demissão de concursados ou acontecer o que está acontecendo com os funcionários do Estado do Rio. Não quero isso. Sou muito jovem para ficar vendo isso: todo mundo em compasso de espera.

ECONOMIA POTENCIAL DE R\$ 33 BI ATÉ 2020

Para o diretor de Relações Institucionais do Sindipetro Caxias, Sérgio Abrade, a principal motivação dos mais jovens foi a questão econômica: em alguns casos, ainda estão cursando a faculdade e viram a chance de receber um volume de recursos que levariam anos para receber: — Eles preferem pegar a indenização pois acreditam que, com a formação, conseguirão arrumar outro emprego ou construir outra história de trabalho.

A prioridade da Petrobras é a recomposição das finanças. Segundo números internos, estima-se que a redução de 12 mil empregados, com custo previsto de R\$ 4,4 bilhões, trará economia de R\$ 33 bilhões até 2020. José Maria Rangel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros (FUP), critica a atitude da estatal. Ele cita a proposta de dividir o reajuste salarial do ano de 2016 em duas etapas.

— A Petrobras está querendo retirar tudo, com a redução dos direitos trabalhistas. Acho os PIDVs um grande equívoco. É preciso ver os efetivos nas

unidades, ver quem está apto e, então, fazer uma adaptação. Não se pode tratar funcionários como redução de custo e rentabilidade — diz Rangel.

Além da renegociação salarial que se arrasta há meses, as queixas têm origem na redução de cargos gerenciais em áreas não operacionais. A meta é eliminar 1.590 dessas funções — ou 30% de um total de 5.300. A medida ajudará a gerar economia de R\$ 1,8 bilhão por ano num pacote que reduziu o número de diretorias e funções na alta administração.

— Vejo muita gente insatisfeita com a companhia e com o país. Saí porque o dinheiro era bom e poderia quitar meu apartamento. A Petrobras é uma empresa grande, mas hoje tudo é temporário. Veio a Graça, que saiu. Depois, o (Aldemir) Bendine. E, agora, o (Pedro) Parente, que deve ficar até o fim do governo. E cada um desses presidentes é uma estratégia. Em comum, só o corte de custo. Não aguento isso. Sinto-me como se não conseguisse me desenvolver. Um amigo meu largou tudo e vai em março do ano que vem para o Iraque — conta uma economista da Petrobras, de 37 anos, que não quis se identificar e que também aderiu ao PIDV.

Em entrevista recente ao GLOBO, o presidente da Petrobras, Pedro Parente, afirmou que há risco de perder talentos com o PIDV mas que não há como evitar. Segundo ele, o programa adotado é desenvolvido para companhias que contrataram por concurso público e tem menos problemas sob o ponto de vista da relação trabalhista: — É da natureza do programa que você pode fazer certos direcionadores, mas não pode individualizar. Portanto, o risco de perder talentos existe. Ele tem várias vantagens e tem uma desvantagem, que é exatamente essa. A gente não pode dirigir (o programa) no último grau, pessoa a pessoa, quem pode e quem não pode aderir.

A estatal avalia que continua atraente. "Entre os empregados que se desligaram por meio do PIDV 2016, 12% tinham menos de 40 anos. Pesquisas apontam que a Petrobras continua atrativa. Este ano (2016), o ranking denominado Empresa dos Sonhos dos Jovens revelou que a companhia fica atrás apenas da Google na avaliação dos estudantes e recém-formados que disputam uma vaga no mercado de trabalho no Brasil", disse. Além disso, "a Petrobras é a empresa mais desejada para se trabalhar entre os estudantes de Engenharia brasileiros, de acordo com a mais recente pesquisa da Universum, consultoria internacional especializada em marcas. Para chegar ao resultado, foram ouvidos estudantes de 137 universidades do país e recebidas mais de 236 mil avaliações de empresas", completou.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Bruno Rosa, Danielle Nogueira e Ramona Ordonez****Título: Petrobras deve ter este ano novos PVD**

Empresa estima que encerrará 2017 com menos 6.300 funcionários

Outros programas de demissão voluntária estão previstos para este ano devido ao processo de venda de ativos da Petrobras, embora a estatal ainda não tenha anunciado quando pretende fazê-los. A perspectiva é que o número de funcionários na holding — excluindo subsidiárias — passe de 50.885 no fim de 2016 para 44.544 no fim deste ano, ou seja, menos 6.341 empregados, segundo a estatal. Nas subsidiárias, o corte deve ser ainda maior devido ao processo de busca de sócios, como no caso da BR Distribuidora, que deve ter um plano de demissão próprio.

Na avaliação de Paulo Sardinha, presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos do Rio de Janeiro (ABRH-RJ), a elevada adesão de jovens a programas de demissão voluntária traz riscos para a empresa, pois pode comprometer a formação de líderes e o trabalho técnico futuro da companhia, quando os anos de bonança voltarem: — Provavelmente, a Petrobras está arranhando o processo natural de sucessão de líderes. Mas isso depende do perfil dos profissionais que estão deixando a empresa. Deve acender a luz amarela, para que a companhia se prepare para reequilibrar a força de trabalho.

IMPACTO DE ESCÂNDALOS

Felipe Fafá de Carvalho, de 26 anos, que mora em Vila Velha (ES), tinha quatro anos e meio de Petrobras, quando deixou a estatal em setembro. Com nível superior incompleto — ele interrompeu o curso de Administração —, ocupava o cargo de técnico em administração e controle na área de logística. Ganhava R\$ 6 mil por mês, incluindo benefícios. Mas estava insatisfeito. — A gestão na Petrobras é muito politizada. Era muito travado, não me via crescendo. Resolvi arriscar e sair — diz Carvalho, que pretende investir parte dos R\$ 200 mil que recebeu na empresa de marketing digital e produção musical que abriu há poucos meses.

Os mais velhos também apontam o ambiente de trabalho como uma das razões para sair da empresa. Márcio Ávila, de 40 anos, era advogado da Petrobras e conta que os escândalos de corrupção afetaram a relação dos funcionários com a companhia: — O corpo técnico da Petrobras é empenhado, mas quando as decisões saem da alçada dele... Sabíamos pelos jornais o que estava acontecendo internamente na empresa, o que é frustrante. Os escândalos de

corrupção decepcionaram os funcionários. Sabemos que a Petrobras vai se reerguer, mas quando?

Ele saiu da Petrobras em setembro, para dar aula de Direito na UFF, após passar num concurso para professor. Seu salário será reduzido à metade, diz, mas pretende complementar a renda advogando de forma independente e dando aula em outras universidades. Hoje, também leciona no Ibmec.

SAÍDA DE TÉCNICOS

Segundo dados da Petrobras, no programa de demissão voluntária de 2016, 21% eram técnicos de operação (cargos operacionais típicos da companhia) e 8%

dos desligados eram engenheiros. O número de engenheiros foi praticamente metade do verificado no PIDV de 2014, quando 16% dos empregados que deixaram a empresa exerciam essa função e outros 16% ocupavam cargos operacionais.

Indagada se houve erro ao abrir o PIDV a todos os funcionários, a estatal disse que "o objetivo do programa é adequar a força de trabalho às necessidades do Plano de Negócios e Gestão da companhia, com foco no alcance das metas do plano e este objetivo está sendo cumprido".

Economistas e especialistas dizem que a prioridade da estatal é financeira. Eles citam a antecipação da meta de redução da alavancagem (a relação entre dívida e geração de caixa operacional) de 2020 para 2018. A dívida total da companhia chegou ao fim do terceiro trimestre deste ano a R\$ 398,2 bilhões. — As metas da companhia são ousadas. A empresa vem tentando vender seus ativos para gerar caixa. A Petrobras suspendeu os projetos menos rentáveis para focar no pré-sal, com margens maiores. Mas tudo isso parece ainda não ser o suficiente, pois a dívida é muito alta — disse Aloísio Nunes, professor do Ibmec.

Outro ponto destacado pelos especialistas e criticado por sindicalistas é o plano de venda de ativos. A meta da empresa é levantar US\$ 19,5 bilhões entre 2017 e 2018, com as ações de desinvestimento, incluindo subsidiárias, o que causa apreensão entre os funcionários.

TURNO DOBRADO

Sérgio Abrade, da Sindipetro Caxias, destacou que, na Refinaria Duque de Caxias (Reduc), a redução de pessoal tem sido tão significativa que há casos de trabalhadores que precisam dobrar seu turno de trabalho. — Houve uma redução drástica de pessoal, principalmente na área operacional, o que torna a situação crítica. Como uma refinaria não pode parar, quando termina o turno e não tem o substituto, o funcionário tem que continuar — Abrade.

Procurada para falar sobre a denúncia de que funcionários da Reduc estariam dobrando turnos, a Petrobras respondeu que "a continuidade operacional das refinarias está garantida, bem como o atendimento às melhores práticas de confiabilidade e aos requisitos de segurança, meio ambiente e saúde que norteiam as ações da Petrobras".

A estatal afirmou que um dos dois principais objetivos no seu plano de negócios 2017-2021 é melhorar os indicadores de segurança, tendo como meta reduzir em 36% a Taxa de Acidentados Registráveis de 2,2 (em 2015) para 1,4 (em 2018) e o outro é diminuir a dívida líquida de 5,3 vezes a geração de caixa (em 2015) para 2,5 vezes (em 2018).

Um funcionário que trabalhou por 30 anos na Petrobras e pediu para não ser identificado aderiu ao PIDV porque avalia que existem muitas incertezas quanto ao futuro da estatal: — O ambiente interno é ruim, com muitas pessoas ainda desconfiando do colega ao lado, sem saber se ele participou de alguma forma no esquema de corrupção descoberto pela Lava-Jato. A situação financeira da Petrobras, com a perspectiva de cortar cada vez mais benefícios, acaba com a perspectiva de carreira futura.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Colunas

Autor: Elio Gaspari

Título: Nem Pensar

Há semanas circula a teoria segundo a qual Temer poderia vitalizar seu governo entregando a chefia da Casa Civil (e da máquina da administração federal) a Pedro Parente, que hoje dirige a Petrobras. A ideia pode até ser boa, mas é inviável, por dois motivos: Temer e o PMDB não rodam esse tipo de programa. Para se livrar do convite, Pedro Parente é capaz de pedir asilo a uma embaixada estrangeira.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Profissão esperança

O motorista Lucas, como é conhecido por seus fregueses, dirige um carro em Nova York e transporta muitos brasileiros. Pois bem. Ele mandou e-mail a Pedro Parente, que usou seus serviços na época em que atuava na iniciativa privada. Contou ter ganhado 700% com ações da Petrobras e queria saber se deveria, ou não, comprar mais papel da estatal. O presidente da Petrobras, gentilmente,

explicou para o do volante que este é o tipo de informação privilegiada que ele é proibido de dar por lei.

MME / ASCOM